

## **DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DO SERIDÓ: NAS ENRELINHAS DA RELAÇÃO SOCIEDADE, CULTURA E NATUREZA**

Ione Rodrigues Diniz Morais\*

A relação sociedade-natureza, mediada pelo trabalho, tem na cultura e no desenvolvimento tecnológico os elementos que a delinham. Ao longo do tempo, o homem transitou da fase da coleta, caça e pesca, em que pouco modificava a natureza, à fase da exploração, em que passou a intervir de forma cada vez mais intensa sobre a mesma, motivado por necessidades e interesses. Nesta trajetória, foram construídas pseudovisões que remetem a idéia de domínio da natureza pelo homem e a aceção da natureza como fonte de recursos, os chamados recursos naturais, considerados ilimitados.

Todavia, na segunda metade do século XX, o alto nível de desenvolvimento científico-tecnológico e a difusão do modelo de desenvolvimento capitalista, altamente consumista, propiciou a emergência de um cenário de crise, em que se destaca a feição socioambiental. O aparato tecnológico disponível intensificou o nível e a natureza da intervenção do homem no ambiente, ao mesmo tempo em que potencializou sua capacidade de corrigir e produzir danos. Deste modo, com base no aprofundamento do conhecimento científico e nas evidências da crise socioambiental, colocou-se em questionamento o tipo de desenvolvimento presidido pela racionalidade economicista, que se aporta na exploração extenuante do homem e da natureza. Nessa tessitura, adquire proeminência a concepção de inter-relação/interdependência entre sociedade e natureza e esta passa a ser vista não apenas como fornecedora de bens, mas também através da sua capacidade de prover serviços e desempenhar funções de suporte à vida.

No processo de transformação dos recursos naturais pela intervenção humana, o trabalho, entendido como a atividade de transformar recursos em bens capazes de satisfazer as necessidades e interesses humanos, constitui-se mediador da relação sociedade-natureza. A cultura e o desenvolvimento tecnológico despontam como elementos que delinham o conteúdo, a forma e os meios/instrumentos pelos quais se estabelece esta relação. Neste sentido, a cultura compreende o conjunto de técnicas, normas, idéias, crenças, costumes, formas de organização

---

\* Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutora em Ciências Sociais.

social, entre outros, que surgem e se desenvolvem por intermédios das experiências de grupos humanos em determinado meio ambiente. Assim, as intervenções na natureza e as conseqüentes modificações nela introduzidas dependem das técnicas empregadas, ou seja, do modo e dos meios de fazer, que envolvem os instrumentos de trabalho usados na ação. Segundo Santos (2000: 62-63),

toda relação do homem com a natureza é portadora e produtora de técnicas que se foram enriquecendo, diversificando e avolumando ao longo do tempo [...] As técnicas oferecem respostas à vontade de evolução dos homens e, definidas pelas possibilidades que criam, são a marca de cada período da história.

Com base nessas premissas, desenvolveu-se uma leitura do processo de degradação ambiental do Seridó, região localizada na porção centro-sul do Rio Grande do Norte, constituída por 23 municípios (MAPA 01). Segundo o Censo 2000, sua população é de 263.336 habitantes, sendo 194.206 residentes urbanos e 69.130 moradores rurais, e a taxa de urbanização corresponde a 73,74%.



Mapa 01 - Região do Seridó Potiguar  
Fonte: Acervo da autora, 2007.

Localizado em pleno semi-árido nordestino, o Seridó é ciclicamente afetado pelo fenômeno da estiagem, sobressaindo as referências do clima quente e seco, da vegetação de caatinga, dos rios intermitentes e dos solos pedregosos em sua paisagem.

Foi em um ambiente agreste e aparentemente hostil à presença humana, que os primeiros colonizadores ergueram os currais de gado e, paulatinamente, expandiram a pecuária, atividade primaz destas plagas. Até o final do século XIX, a economia pecuarista foi a base da formação do território seridoense, que teve na fazenda de gado a sua forma espacial proeminente.

No limiar do século XX, a cotonicultura foi alçada a condição de agricultura comercial, imprimindo um processo de refuncionalização no espaço da fazenda, que passou a ter sua estrutura produtiva baseada no binômio gado-algodão. Cumprindo uma trajetória ascendente, o algodão se estabeleceu como principal produto da pauta de exportações do Rio Grande do Norte, o que fez do Seridó uma região agroexportadora vinculada comercialmente aos mercados nacional e internacional. O algodão mocó, típico da região, era utilizado como matéria-prima da indústria têxtil, alcançando elevada cotação no mercado em função das especificidades de sua fibra, longa e sedosa, especial para a fabricação de tecidos finos. Neste contexto, a branura dos algodões parecia emoldurada pela caatinga sertaneja e compunha com os currais de gado, as formas espaciais marcantes desta fase de prosperidade da economia regional.

A partir da década de 1940, a dinâmica econômica do Seridó foi intensificada pelo desenvolvimento da indústria extrativa mineral, baseada na exploração da scheelita, cuja oportunidade de mercado surgiu em decorrência do contexto geopolítico internacional. Desta forma, entre as décadas de 1940-1960, com a base produtiva assentada no tripé algodão-pecuária-mineração, a região viveu sua fase áurea, em termos políticos e econômicos.

De fato, esta situação já vinha sendo construída desde o início do século XX, visto que o Seridó capitalizou politicamente o bônus de se constituir a principal zona de produção do estado, passando também a exercer o papel de epicentro da política norte-rio-grandense. Entre os anos de 1910 e 1960, o comando político do estado esteve nas mãos da oligarquia algodoeiro-pecuarista. Esta foi extremamente engenhosa na construção de um discurso regionalista que entrelaçava a cultura, a economia e a política, sobrevalorizando os diferenciais qualitativamente superiores da produção seridoense. Nesta fase, “o algodão foi mais que o principal produto da economia, foi o aporte da discursividade e das práticas políticas, símbolo da riqueza e da prosperidade regional.” (MORAIS, 2005: 169).

Na trajetória da ocupação do espaço à estruturação do território seridoense, compreendida entre os séculos XVIII e XX, a vitalidade econômica regional, repercutiu também sobre a configuração espacial do rural e do urbano. Enquanto a economia pecuarista presidiu a dinâmica regional, o processo de fragmentação territorial para fins de criação de municípios, foi bastante lento, sendo pouco expressivas as referências do urbano. Esse quadro foi modificado entre as décadas de 1940/1960, quando o Seridó despontou como foco político-econômico do estado e a atuação de sua representação política canalizou para a região uma série de políticas

públicas voltadas para o urbano. Essas ações não estavam articuladas apenas a dinâmica interna do Seridó, mas ao contexto da modernização nacional, pautado na industrialização e na urbanização. Na década de 1960, a região passou a contar com 22 municípios, sendo suas cidades consideradas de pequeno porte<sup>1</sup>.

A análise do processo de organização espacial do Seridó, até os anos de 1960, permite evidenciar que, simultâneo ao desenvolvimento das atividades econômicas, a sociedade foi estabelecendo uma relação com o meio ambiente, segundo a concepção da natureza como fornecedora de recursos. Da terra eram sugados os nutrientes que alimentavam os algodoais e as pastagens; na terra fazia-se as escavações para extrair de suas entranhas as riquezas minerais. Até este período, em nível regional, a degradação ambiental não constava da pauta de preocupações e discussões da sociedade. Todavia, a pecuária, a cotonicultura e a mineração, cada uma com suas especificidades, já imprimiam na paisagem as marcas do processo que se revelava a partir de terras nuas, grassadas pela erosão, e de terras rasgadas pelas profundas escavações.

Nos decênios de 1970 e 1980, a trajetória ascensional foi interrompida pela instauração das crises da cotonicultura e da mineração, respectivamente, fazendo ruir dois pilares da estrutura produtiva regional. No caso do algodão, dentre os principais fatores da crise estão o baixo nível técnico e alto custo de produção, a baixa produtividade, o difícil acesso à linhas oficiais de crédito, os juros elevados e os preços pouco compensadores no mercado. Acrescenta-se a este quadro, a modernização e a desconcentração geográfica da indústria têxtil paulista, os melhoramentos da fibra e da produtividade do algodão herbáceo, a proliferação do bicudo, o aparecimento de novos produtores no mercado internacional, o declínio de preços, a perda de rentabilidade e a retração da economia mundial. Em termos de mineração figuram a oscilação dos preços do tungstênio no mercado internacional, o término de conflitos bélicos e da Guerra Fria, o incremento da produção e da oferta de minério no mercado pela China, além de maquinários obsoletos e formas de gerenciamento da produção não condizentes com a racionalidade capitalista, que visa a maximização do lucro. Desse modo, a correlação entre determinantes externos e internos foi responsável pela derrocada das produções algodoeira e scheelitífera.

Nas reentrâncias dessas crises, nos últimos decênios do século XX, o Seridó passou por um processo de reestruturação sócio-espacial, redefinindo seu perfil populacional e econômico, que se apresenta, atualmente, como predominantemente urbano/terciário. Nesse

---

<sup>1</sup> Um novo município somente foi criado em 1993, configurando a atual cartografia formada por 23 municípios.

período, a sociedade empreendeu um processo de criação, inovação e reinvenção dos saberes e práticas e recrudescer o sentimento de pertença e os sistemas de representação, na perspectiva de vislumbrar novos horizontes. Objetos, personagens, fazeres, saberes, discursos e imagens, impregnados de identidade, conformaram as matrizes simbólicas que deram aportes à sociedade em um cenário de revalorização e de reinvenção da dinâmica regional.

Articulando antigas e novas economias, o Seridó foi buscando um lugar no competitivo mercado globalizado, através de mercadorias que, impregnadas de sentido identitário, revigoram o discurso do diferencial qualitativo da marca Seridó. Nesse contexto, a pecuária bifurcou sua produção entre a carne e o leite e a caprinovinocultura foi significativamente ampliada. A produção industrial cresceu e diversificou-se, destacando-se os segmentos alimentícios, têxteis e de exploração mineral. O comércio e os serviços cresceram vinculados à expansão e multiplicação das cidades, em uma tessitura de célere urbanização e formação da rede urbana, que exigiu a construção de estradas, vias de articulação intra e extra-regional. As possibilidades de intervenção do homem no meio foram ampliadas através do uso de tecnologias, mas também se elevaram as demandas em relação aos recursos naturais disponíveis, de modo que já são notáveis os sinais de descompasso entre estes e o atendimento as demandas sociais.

As implicações do novo perfil socioeconômico e espacial do Seridó repercutiram fortemente em termos de degradação ambiental, entendida como “alteração adversa das características do meio ambiente.” (SÁNCHEZ, 2006: 26). Coleta e destinação final do lixo; poluição das águas, do ar, visual e sonora; precariedade no sistema de abastecimento d’ água e de esgotamento sanitário, dentre outros, são problemas ambientais urbanos já existentes na região. Some-se a estes, a exploração ceramista que, em alguns casos, ocorre nas cercanias de perímetros urbanos, a manutenção de práticas culturais desenvolvidas na agricultura - desmatamento e queimadas - e na pecuária – superpastoreio - e a escassez de água, que conformam os mais nítidos problemas ambientais rurais do Seridó.

Nesta tessitura, a relação sociedade-natureza, historicamente construída, projeta-se no espaço assumindo diferentes formas de degradação ambiental, cuja feição mais cristalina se revela no processo de desertificação. A Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (MMA, [199-]: 9) definiu que “por Desertificação entende-se a degradação da terra nas zonas áridas, semi-áridas e subúmidas secas, resultante de vários fatores, incluindo as

variações climáticas e as atividades humanas.” A degradação da terra é entendida como correspondente à degradação dos solos, dos recursos hídricos, da vegetação e da biodiversidade, significando, por fim, a redução da qualidade de vida das populações afetadas (MMA, 2004: 4). As áreas susceptíveis ao fenômeno foram classificadas segundo o Grau de Susceptibilidade, em áreas com intensidade moderada, grave, muito grave e núcleo de desertificação. Segundo Vasconcelos Sobrinho (2002: 65), os núcleos de desertificação correspondem a áreas de amplitude variável onde aparecem “manchas aproximadamente circulares” e “a fisionomia desértica se imprime mais denunciadora. No solo todo ou quase todo erodido, onde o horizonte A foi arrastado, ou nunca existiu, a vegetação, mesmo nos períodos de chuva, se recupera muito escassamente ou não se recupera”. São redutos onde a degradação ambiental é maximizada e os efeitos da conjugação de variáveis naturais e humanas se evidenciam de forma clara, deixando transparecer no espaço a deterioração das relações sócio-ambientais.

De acordo com o MMA (1993?: 5), em fração do território seridoense se encontra um dos quatro núcleos de desertificação do Brasil. O Núcleo de Desertificação do Seridó é formado pelos municípios de Acari, Currais Novos, Carnaúba dos Dantas, Parelhas, Equador e Cruzêta. Os dados coletados sobre sua área e população delineiam a extensão territorial e a abrangência demográfica do fenômeno (Tab. 01)

Tabela 01 - Núcleo de Desertificação do Seridó  
2005

Municípios	Área (Km <sup>2</sup> )		População			
	Total	%	Urbana	Rural	Total	%
Acari	608,565	1,2	8 841	2 348	11 189	0,4
Carnaúba dos Dantas	245,648	0,5	5 035	1 537	6 572	0,2
Cruzeta	295,829	0,6	5 977	2 161	8 138	0,3
Currais Novos	864,341	1,6	35 529	5 262	40 791	1,5
Equador	264,983	0,5	4 324	1 340	5 664	0,2
Parelhas	513,052	1,0	15 606	3 713	19 319	0,7
Núcleo de Desertificação	2.792,418	5,3	75 312	16 361	91 673	3,3
Estado (total)	52.796,791	100	2 036 673	740 109	2 776 782	100

Fonte: IBGE. *Censo demográfico 2000*, 2000, p. 269-271.

IBGE. *Área territorial oficial*. Resolução nº 5 de 10 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias>.

O Núcleo de Desertificação do Seridó ocupa 5,3% do território do Rio Grande do Norte e abriga 3,3 % de sua população. A população urbana residente nas circunscrições do núcleo corresponde a 82,15% e a população rural a apenas 17,84%. Os municípios do Núcleo,

hoje, apresentam como traço marcante o desenvolvimento de atividades mineiras, com realce para a cerâmica (Mapa 02).



Mapa 02 – Núcleo de Desertificação do Seridó  
Fonte: Acervo da autora, 2007.

Considerando a história sócio-econômica e ambiental do Seridó é possível identificar a pecuária, a agricultura, a mineração – com destaque para a produção ceramista - e a indústria (diversificada) como atividades que tem contribuído para a desertificação.

No que se refere à pecuária e a agricultura ressalta-se que sua inclusão dentre as atividades que contribuem para o processo de desertificação deriva da forma como é implementada. É o manejo inadequado dos recursos naturais – solo, água e vegetação - para fins de práticas agropecuárias, que torna a atividade degradante. Este processo se materializa através de diferentes ações, dentre as quais destaca-se: o desmatamento e a queimada, realizados sem orientação técnica ou planejamento, para cultivos em encostas de serras, margens de rios e outros ambientes, incluindo-se aqueles destinados à formação de pastagens; o superpastoreio, que tanto prejudicou em função da relação entre o espaço ocupado e o número de efetivos do rebanho ou do tempo de permanência do rebanho no pasto; a irrigação, que produziu benefícios, mas onde foi realizada de forma inadequada e sem recurso à drenagem gerou o problema da salinização. Acrescente-se a esta problemática, o uso indiscriminado e inadequado de herbicidas.

Faz-se mister mencionar que, a despeito da assistência técnica de órgãos governamentais, a manutenção de certas formas de manejo inadequadas, como o desmatamento, a queimada e o superpastoreio, está vinculada às práticas culturais, que dizem da vida e da lida do homem do campo.

Quanto à produção ceramista, que se expandiu no enredo da crise econômica do Seridó, é importante uma análise mais acurada, tendo em vista a importância que possui em termos econômicos e a dimensão dos impactos ambientais negativos por ela produzidos.

Despontando como uma alternativa promissora em termos de geração de trabalho e renda, a indústria da cerâmica se coloca como um grande desafio para a sociedade regional. Seu expressivo crescimento, nas reentrâncias da crise econômica, foi responsável pela configuração do Pólo Ceramista do Seridó, que envolve 82 unidades fabris dispersas por 13 municípios (ADESE/GTZ, 2008: 27), com destaque para a concentração das atividades naqueles que formam o Núcleo de Desertificação. Em 05 municípios do Núcleo estão localizadas 59 unidades ceramistas (71%) da região, sendo que Parelhas (28 unidades) e Carnaúba dos Dantas (15 unidades) concentram o maior número.

Nos principais municípios produtores, a atividade ceramista tem sido responsável pela garantia de trabalho e renda para um contingente populacional significativo. Contudo, as perspectivas promissoras em termos de mercado de trabalho, tornam-se tênues diante do impacto ambiental negativo que produz, nos moldes em que se desenvolve na região. Para efeito elucidativo, é interessante destacar aspectos da cadeia produtiva. A origem da matéria prima usada na produção de cerâmica é a argila, retirada de várzeas de rios e açudes. A matriz energética a que recorre a rudimentar tecnologia de produção é a lenha, na maioria das vezes, extraída da vegetação nativa sem a observância dos critérios prescritos na legislação vigente. Assim, a fabricação de telhas e tijolos com base na utilização de recursos energéticos florestais e de solos aluviais, antes usados para a lavoura de subsistência e o plantio de pastagens, tem aguçado os problemas ambientais da região, cujo ecossistema predominante já apresenta naturalmente tendência a processos de degradação. O uso de argila de açude para fins ceramistas também tem contribuído para degradar e gerar conflitos em áreas de vazante dos reservatórios, cuja destinação era a produção de hortifrutiganjeiros e de capim para o gado quando o volume d'água encontra-se baixo. De acordo com Araújo (2004: 74), a produção ceramista “é considerada pela maioria dos estudiosos como a atividade que mais corrobora para degradar a região do Seridó norte-riograndense”.

A forma como a produção é realizada, recorrendo-se ao desmatamento de áreas recobertas pela Caatinga que deixa o solo desnudo, e a extração de argila em recortes férteis que aceleram a erosão através das crateras que se formam no solo, torna-a um agente incisivo de degradação em um cenário marcado pela semi-aridez. Outrossim, o baixo nível tecnológico utilizado no fabrico de telhas e tijolos tem gerado grandes perdas de energia e material, transformados resíduos, que são entulhados nas proximidades das unidades de produção,



denotando uma outra face da agressão ao meio ambiente. Em função do decurso do tempo, parece até que esses passivos ambientais já foram incorporados a paisagem regional, sem que seja noticiado sobre as obrigações das empresas em relação a danos produzidos.

Também no caso da mineração, a crítica ao seu desenvolvimento baseia-se na forma como é realizada. Indiscutivelmente, esta atividade sendo praticada de maneira racional, se constitui fundamental a economia, que “deve ser operada com responsabilidade social, consolidando-se no contexto do desenvolvimento sustentável, procurando um equilíbrio sistemático entre o trinômio homem-recurso natural – território” (SEDEC, 2004: 35). Porém, os questionamentos surgem em função de que a exploração ceramista, no Seridó, quase sempre não se pauta por estas prerrogativas ou pela observação da legislação pertinente. Disto resulta que a mineração, executada sem um devido planejamento e sem critérios técnicos e ambientais, se evidencia como uma atividade portadora de expressivo poder de degradação ambiental. Neste sentido, torna-se premente pensar o seu desenvolvimento em um espaço como o Seridó, um dos principais pólos de produção ceramista do estado e onde se registram os mais altos níveis de susceptibilidade à desertificação.

No âmbito da relação sociedade-natureza vivenciada no Seridó, descortina-se o desafio entre os dividendos econômicos e os ambientais. Como enfrentar a questão, se a mão-de-obra empregada na cerâmica, bastante representativa e com baixo nível educacional, dificilmente será absorvida em outro segmento produtivo da região? Como enfrentar a questão, se se tem o conhecimento que os solos aluviais, que já eram restritos tendem a se reduzir mais, e a caatinga não tem como suportar tamanha pressão? Como solucionar esta difícil equação: dividendos econômicos x degradação ambiental? As respostas a estas perguntas derivam de decisões que a sociedade precisa assumir, sob pena de elevar ainda mais o *preço* do tipo de relação que estabelece com a natureza.

Além das atividades já analisadas, cujo desenvolvimento contribui para intensificar a degradação ambiental e a susceptibilidade à desertificação, ainda é possível identificar várias outras, dentre as quais destaca-se: olarias manuais, carvoarias, caieiras, peças artesanais de argila, casas de farinha, queijeiras, panificadoras, docerias, alambique e engenhos e fábricas de laticínios, bolos e biscoitos caseiros, torrefação de café, beneficiamento de caulim, sabão e margarina, ração animal e têxtil. Essas atividades econômicas contribuem para a degradação ambiental, sobremaneira, em função de utilizar a lenha como principal fonte de energia. O cerne

do problema é que a lenha, ainda largamente consumida, em geral é obtida da exploração dos recursos florestais da região, que já se encontram bastante agredidos.

O *Diagnóstico do uso da lenha nas atividades agroindustriais do Território do Seridó/RN* (2008), realizado pela ADESE/GTZ, revela um quadro geral e metucioso sobre o consumo de lenha por segmento produtivo, a quantidade consumida por município e o número de trabalhadores envolvidos. Conforme este documento, em 2007, o consumo mensal de lenha pelas atividades econômicas supracitadas, incluída a produção ceramista, correspondeu a 32.625 metros/estéreos. Do elenco de segmentos produtivos pesquisados, a cerâmica ficou em primeiro lugar, sendo responsável pelo consumo de 22.749 metros/estéreos de lenha, ou seja, 69,7% do consumo de energéticos florestais da região. Na seqüência estão as caieiras, queijeiras, carvoarias e panificadoras, por ordem de classificação, que, juntas, respondem pelo consumo de 6.473,5 metros/estéreos de lenha (19,8%). O restante é pulverizado entre as demais atividades. (ADESE/GTZ, 2008: 76). O elevado consumo das cerâmicas está associado ao baixo nível técnico de produção que utiliza fornos inadequados, desperdiçando grande parte do calor gerado.

Com relação à quantidade de recursos lenhosos consumidos por município foi notificado um total de 32.625 metros/estéreos. Parelhas (7.552 metros/estéreos) e Carnaúba dos Dantas (5.230 metros/estéreos), municípios que concentram o maior número de unidades ceramistas, foram relacionados como os maiores consumidores do Seridó, sendo responsáveis pelo consumo de 12.782 metros/estéreos de lenha (39,1% do consumo regional) (ADESE/GTZ, 2008: 77-78).

No tocante à mão-de-obra envolvida nas atividades que consomem energéticos florestais foi contabilizado um total de 5.788 trabalhadores, dos quais 2.591 estão envolvidos com a produção ceramista (44,8%) e 1.062 trabalham nas queijarias (18,3%) (ADESE/GTZ, 2008: 79).

De certo que no elenco de segmentos econômicos, o potencial de degradação não é uniforme. Porém, a situação torna-se complexa ao se verificar que há um elenco considerável de atividades que dependem desses recursos florestais energéticos, embora ocorra uma concentração de consumo na cerâmica, e que não há perspectivas de mudanças em curto prazo. Os impactos são de diferentes ordens e magnitudes, ressaltando-se ainda que a avidez humana de impor a lei do machado faz com que as árvores, redutos de proliferação de vida, tombem e com elas declinem também as possibilidades de reprodução de algumas espécies animais.

A configuração da crise econômica associada ao reconhecimento do elevado estágio de degradação ambiental foi decisiva para que a sociedade regional buscasse novas rotas de desenvolvimento, através dos princípios do desenvolvimento sustentável. O Seridó foi a primeira região do estado a ter elaborado o Plano de Desenvolvimento Sustentável, que está em execução desde 2000. Em função desse plano, algumas iniciativas importantes já foram implementadas, dentre elas a criação do Núcleo de Desenvolvimento Sustentável em Parelhas. Todavia, há um claro descompasso entre o ritmo da degradação produzida pelo homem e as iniciativas de prevenção, recuperação e mitigação dos danos ambientais.

À guisa de conclusão, avalia-se que nos municípios do Seridó, as práticas da agricultura, pecuária e mineração, as atividades industriais e o processo de urbanização acompanharam o enredo da história regional, mas deixaram como legado um horizonte turvo, embaçado pela avidez do machado para retirar a lenha e pela fumaça que emana das indústrias, principalmente dos fornos das cerâmicas, onde a argila é transformada em telhas e tijolos; e dos bacuráus ou trincheiras (fornos), onde a vegetação é queimada para produzir carvão, além de rastros de poluição, montanhas de lixo a céu aberto e de passivos ambientais entulhados, que de tão *passivos* parecem incorporados a paisagem. Assim, impulsionadas pelo desmatamento, pelas queimadas e pelas atividades econômicas desenvolvidas de forma inadequada, as terras vão ficando despidas, expostas ora ao sol causticante, ora as chuvas torrenciais; a erosão vai rasgando o solo, deixando à mostra suas entranhas nas crateras que se formam; os cursos d'água vão mudando sua feição pelo nível de poluição. A paisagem chocante se torna ainda mais agressiva quando se concebe que, embora havendo uma predisposição natural, sua conformação atual foi historicamente lapidada pela ação humana.

Neste processo, através das práticas econômicas e culturais, a sociedade foi tecendo a (re)construção do espaço, imprimindo em sua geografia e história as marcas e os marcos de sua relação com a natureza. No Seridó, ao mesmo tempo em que um *texto* regional impregnado de conteúdo identitário foi sendo historicamente produzido, também se inscreveu, nas entrelinhas da relação sociedade, cultura e natureza, os *tópicos* da degradação ambiental. Antes, pareciam rascunhos, hoje assumindo nítidos contornos, a devastação do meio tornou imprescindível pensar e agir a partir de uma racionalidade pautada nos pressupostos do desenvolvimento e da sustentabilidade, que coloca a condição humana e a vida como objetivos primazes. Espera-se que

os esforços despendidos na experiência de planejar o desenvolvimento regional em bases sustentáveis possibilitem a escrita de um novo capítulo na história ambiental do Seridó.

## REFERÊNCIAS

- ADESE/GTZ. **Diagnóstico do uso da lenha nas atividades agroindustriais do Território do Seridó/RN**. Caicó, 2008.
- CARVALHO, A. E. de; GARIGLIO, M. A.; BARCELLOS, N. D. E. **Caracterização das áreas de ocorrência de desertificação no Rio Grande do Norte**. Natal: [s.n.], 2000.
- IBGE. **Área territorial oficial**: Resolução n. 5 de 10 de outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/resolucao.shtm?c=5>>. Acesso em: 19 mar.2005.
- \_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2000**: características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro, 2000.
- IDEMA. **Diretrizes para política de controle da desertificação no Rio Grande do Norte**. Natal, 2004.
- MEDEIROS, G. L. D. de. **A desertificação do semi-árido nordestino: o caso da região do Seridó norte-rio-grandense**. Mossoró, 2004.
- MMA. **Convenção das Nações Unidas de combate à desertificação nos países afetados por seca grave e/ou desertificação, particularmente na África**. Brasília, [199-].
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Recursos Hídricos. **Desertificação**: III Conferência das partes da Convenção das Nações Unidas. Brasília: [199-].
- \_\_\_\_\_. **Desertificação**: caracterização e impactos. Brasília, [1993?].
- \_\_\_\_\_. **Programa de ação nacional de combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca**: Pan Brasil. Brasília, 2004.
- MORAIS, I. R. D. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: Ed. do autor, 2005.
- NESI, J. de R.; CARVALHO, V. G. D. de. **Minerais industriais do Estado do Rio Grande do Norte**. Recife: CPRM, 1999.
- RIO GRANDE DO NORTE;SEHID. **Versão preliminar do panorama da desertificação no Rio Grande do Norte**. Natal, 2006.
- SAMPAIO et. al.. **Desertificação no Brasil**: conceitos, núcleos e tecnologias de recuperação e convivência. Recife: UFPE, 2003.
- SÁNCHEZ, L. E. **Avaliação de impacto ambiental**: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de textos, 2006.
- SANT'ANA, S. *Desertificação e mitigação de efeitos da seca*: conceitos e documentos fundamentais. Brasília: Fundação Grupo Esquel Brasil, 2003.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SEDEC. **Avaliação preliminar do setor mineral do Rio Grande do Norte**. Natal, 2004.
- SEPLAN; IICA. **Plano de desenvolvimento sustentável do Seridó**: diagnóstico. Caicó, 2000.
- VASCONCELOS SOBRINHO, J. de. **Desertificação no Nordeste do Brasil**. Recife: UFPE, 2002.